

O ESTEREÓTIPO DE MAU ALUNO NAS PIADAS DE JOÃOZINHO

Fernanda Góes de Oliveira ÁVILA
(Orientador): Prof. Dr. Sírio Possenti

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo analisar brevemente o estereótipo de mau aluno veiculado pelas “piadas de Joãozinho”. Com base na perspectiva francesa de análise do discurso, pretendemos observar, sobretudo, quais são suas condições de produção e como se dá a representação identitária através dos estereótipos relacionados ao personagem.

Palavras-chave: Análise do Discurso - piadas – estereótipos – Joãozinho

INTRODUÇÃO

A importância de estudar o humor do ponto de vista linguístico foi observada por Possenti (1998). O autor destaca que os textos humorísticos são uma verdadeira mina para os linguistas, pois pode-se discutir através deles questões sintaxe, morfologia, fonologia, regras de conversação, inferências, pressuposições etc., por exemplo:

- Fonologia:
 - Diga uma palavra que comece com H.
 - Agarrar.

- Morfologia:
 - Quem vende leite é leiteiro. Quem vende pão é padeiro. E quem vende carne...
 - É carneiro, professor.

- Léxico:
 - A professora está ensinando o uso de pronomes e pede para Joãozinho:
 - Faça uma frase com o pronome consigo!
 - E o Joãozinho:
 - Eu não consigo correr muito.

- Dêixis:
 - A professora diz:
 - Joãozinho, diz aí dois pronomes!

- Quem? Eu?
- Está certo, pode sentar!

Pode-se também encontrar no discurso humorístico um excelente *corpus* para reconhecer diversas manifestações culturais e ideológicas, pois só há piadas sobre temas socialmente controversos; eles são uma fonte para análise de “representações”, pois operam fortemente com estereótipos; e porque são quase sempre veículos de discursos subterrâneos, reprimidos e que não são explicitados correntemente em qualquer ambiente.

Neste artigo, pretendo fazer uma reflexão sobre os estereótipos de alunos veiculados nas piadas de Joãozinho, buscando observar como os meninos estão representados no discurso humorístico. Para isso, levantarei as condições de produção dessas piadas, procurando entender quais são as razões histórico-sociais que justificam o fato de os meninos serem taxados como maus alunos.

O Objeto Risível: Os Meninos

O objeto risível nas piadas de Joãozinho são os meninos. O personagem principal é a personificação dos estereótipos que circulam sobre garotos. Joãozinho é uma criança de aproximadamente 7-10 anos que faz perguntas ou comentários que provocam espanto nos adultos. Ele é um menino muito mal educado, preguiçoso, seu desempenho escolar é precário, é indisciplinado, irresponsável, e quase todas as suas falas são maliciosas e referem-se a temas sexuais.

Joãozinho conhece muito bem temas exclusivos de adultos (principalmente sexuais), faz coisas que uma criança da sua idade não faria ou que supomos que não faça e diz coisas que os adultos provavelmente gostariam de dizer se não fossem as regras que os controlam. Como podemos observar em:

Durante a aula de boas maneiras, a professora diz:

- Zezinho, se você estivesse namorando uma moça fina e educada, e durante o jantar precisasse ir ao banheiro, o que diria?
- Segura as pontas aí que eu vou dar uma mijadinha.
- Isso seria uma grosseria, uma completa falta de educação! Juquinha, como você diria?
- Me desculpa, preciso ir ao banheiro, mas já volto.
- Melhor, mas é desagradável mencionar o banheiro durante as refeições.
- E você, Joãozinho, seria capaz de usar sua inteligência para, ao menos uma vez, mostrar boas maneiras?
- Claro, eu diria: "Minha prezada senhorita, peço licença para ausentar-me por um momento, pois vou estender a mão a um grande amigo que pretendo lhe apresentar depois do jantar".

O personagem põe em circulação discursos proibidos: ele é inclusive autorizado, por exemplo, a criticar o professor, isto é, “dizer-lhe cara a cara o que todos queriam dizer e muitos diziam dele na sua ausência”¹:

Na aula de Ciências, a professora diz:

- Anotem a lição de casa, crianças. Vocês vão ter que pesquisar o habitat natural das 70 espécies de animais que estão na página 23, também vão ter que dizer qual o país de origem de cada animal, quais seus predadores, suas presas, seus costumes e fazer uma redação sobre cada um.

No dia seguinte, a professora pergunta: - Martinha, o que dão as ovelhas?

- Lã, professora.

- Muito bem! Pedrinho, o que dão as galinhas?

- Ovos, professora!

- Parabéns! Joãozinho, o que dão as vacas?

- Lição de casa!

Outra característica importante do personagem é que, embora Joãozinho seja uma criança, não pode ser chamado de ingênuo. Em outras palavras, não se pode considerar que seu discurso seja inocente, à medida que podemos interpretar o que ocorre nessas piadas como a voz de um adulto que fala através dele: usa-se uma máscara de inocência para poder gozar de uma liberdade para pôr em circulação discursos reprimidos, subterrâneos que, se a ignorância, a ingenuidade não existisse, não seria concedida.

Com relação ao estereótipo de mau aluno, Joãozinho foge aos padrões de comportamento escolar esperado pela sociedade: ser interessado, independente e disciplinado e que não cause transtorno, uma vez que,

“O bom aluno” é apresentado como aquele com bons atributos pessoais e familiares, com bons relacionamentos, que não dá problema na classe, enfim, ‘é tudo que o professor deseja’. O suporte familiar aparece como boa alimentação, afeto, educação “de berço”, cuidado com os cadernos e os princípios e valores passados pela família. Em nenhum momento em seus discursos as professoras mencionam a possibilidade de que ser bom aluno tenha alguma relação com o professor ou com a escola.”²

¹ POSSENTI, S. (1998). *Os Humores da Língua*. Campinas, Mercado das Letras, pp.142.

² LUCIANO, E. A. S.; ANDRADE, A. S. (2005). *Representações de professores do ensino fundamental sobre o aluno - análise de dados*. (p.169)

As Condições de Produção das Piadas de Joãozinho

As piadas são veículos de discursos reprimidos e que têm lugares de circulação específicos e restritos, tais como bares, determinados livros, revistas, sites, roda de amigos etc. Nas piadas, aquilo que é inaceitável e proibido dizer em certas circunstâncias encontra espaço para ser enunciado direta ou indiretamente, de forma subentendida, implícita. Exemplos desses discursos “censurados” são aqueles que falam que as sogras são chatas, as loiras são burras, os casamentos são por interesse. No caso específico das piadas de Joãozinho, o discurso corrente que analisarei é de que os meninos são maus alunos.

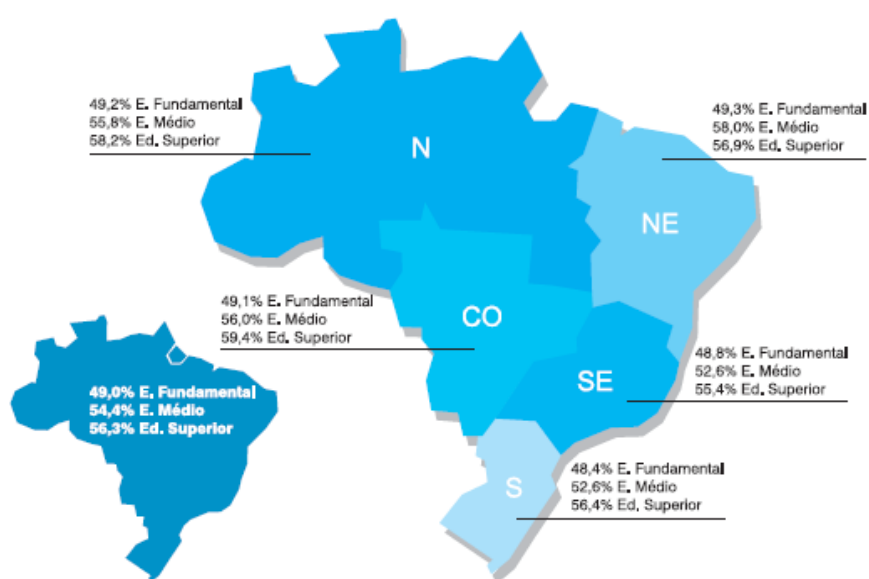
A representação decorrente do comportamento de Joãozinho nas piadas é a de que o personagem é um mau aluno. A formação dessa representação só é possível porque existem imagens coletivas resultantes de expectativas, hábitos de julgamento ou falsas generalizações recorrentes na sociedade sobre os meninos. Para Pierrot e Amossy (2001), essas imagens coletivas que circulam sobre determinado grupo são denominadas estereótipos. Para as autoras, estereótipos são imagens cristalizadas e rígidas. São esquemas culturais preexistentes, em que um traço peculiar de um tipo conhecido é eleito e o restante é completado por meio de representações que expressam o imaginário social. “En la habla común, un ‘estereotipo’ es una idea convencional (frecuentemente peyorativa, y de una inexactitud a veces extravagante) sobre la apariencia, las acciones, o la naturaleza de un X”³.

De acordo com as autoras, essas construções imaginárias são favorecidas pelos meios de comunicação, pela imprensa e pela literatura de massa, que tornam as características do grupo estereotipado como algo inerente a ele e, além disso, fazendo com que seu comportamento reflita o que esperam que façam: suas ações e seus modos de ser são predeterminados. Todavia, Pierrot e Amossy afirmam que, embora o estereótipo esquematize e categorize, esses artifícios são indispensáveis para a cognição, ainda quando conduzem a uma simplificação e uma generalização às vezes exagerada, pois necessitamos relacionar aquilo que vemos a modelos preexistentes para podermos compreender o mundo, realizar previsões e regular nossas condutas. Sendo assim, podemos dizer que as piadas de Joãozinho existem e colocam o personagem como mau aluno, pois os alunos/meninos “reais” agem de maneira correspondente ou a sociedade os vê de tal forma. As piadas recolhem esses discursos e as representações desse grupo e os colocam em circulação, e de modo, na maioria das vezes, exagerado.

³ PUTNAM (1985) Apud PIERROT, A.H. e AMOSSY, R. (2001). *Estereotipos y Clichés*, Buenos Aires, Eudeba.

Enfim, se a representação que se tem de meninos e o estereótipo que circula nas piadas diz que eles são maus alunos, é porque deve haver uma razão histórico-social para que eles sejam representados dessa forma. Além disso, se um estereótipo é formado pelas idéias que circulam na sociedade sobre determinado grupo, significa que podemos encontrar algumas das causas de se falar o que se fala sobre meninos. Vejamos alguns dados:

Quadro 1



Percentual de Matrículas do Sexo Feminino no Ensino Fundamental Regular, Ensino Médio Regular e Educação Superior – Brasil e Grandes Regiões – 2001

Fonte: MEC/Inep

No quadro acima, podemos verificar que em todos os Estados brasileiros a taxa de mulheres matriculadas no Ensino Médio e Ensino Superior é maior que as taxas de homens matriculados. De acordo com o IBGE, as mulheres estudam em média sete anos a mais que os homens. Eles estudam 6,8 anos e permanecem menos tempo na escola em razão da entrada mais precoce no mercado de trabalho. Além disso, a taxa de homens analfabetos é maior do que a de mulheres e elas frequentam mais a escola do que eles:

Tabela 1**População de 15 a 60 Anos de Idade: Analfabetismo por Gênero**

	Número Absoluto	Percentual no Total de Analfabetos (%)	Percentual de Analfabetos por Gênero (%)
Feminino	4.430.097	46,2	7,2
Masculino	5.150.915	53,8	8,9
Total	9.581.012	100	-

Fonte: PNAD/IBGE, 2005.

Podemos observar que, segundo a tabela 1, há um maior número de analfabetos do sexo masculino na população de 15 a 60 anos. Já na tabela 2, podemos perceber que a taxa de frequência escolar das crianças de 0 a 3 anos é maior entre os meninos, porém a situação se inverte na faixa dos 4 a 6 anos.

Tabela 2

Taxa de Freqüência Escolar das Crianças de 0 a 6 Anos de Idade por Sexo, Cor, Situação do Domicílio, Grandes Regiões e Faixas de Rendimento Mensal Familiar *per Capita*, Segundo Grupos de Idade – Brasil – 2005

Brasil, Sexo, Cor, Situação no Domicílio, Grandes Regiões, Faixas de Rendimento	Taxa de Freqüência Escolar por Grupos de Idade (%)	
	0 a 3 Anos	4 a 6 Anos
Brasil	13,0	72,0
Sexo		
Homens	13,3	71,8
Mulheres	12,7	72,1
Cor		
Branca	14,5	74,2
Preta ou Parda	11,6	70,0
Situação do Domicílio		
Urbano	15,2	75,8
Rural	4,6	57,0
Grandes Regiões		
Norte	5,8	60,0
Nordeste	11,7	77,6
Sudeste	15,8	75,9
Sul	16,1	62,1
Centro-Oeste	10,0	62,8
Faixa de Rendimento Familiar <i>per Capita</i>		
Até Meio Sálario Mínimo	9,0	65,4
3 Sálarios Mínimos ou Mais	33,6	94,0

Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), 2005.

A situação se inverte também na tabela 3, comparando os anos 1995 e 2005: a taxa de freqüência escolar feminina cresce e ultrapassa a masculina.

Tabela 3

Taxa de Frequência Escolar das Crianças de 0 a 6 Anos de Idade por Sexo – 1995 e 2005

Brasil, Sexo, Cor, Situação no Domicílio, Grandes Regiões, Faixas de Rendimento	(%)					
	0 a 3 Anos de Idade			4 a 6 Anos de Idade		
	1995	2005*	Diferença	1995	2005*	Diferença
Brasil	7,6	13,3	5,8	53,5	72,7	19,3
Sexo						
Homens	7,7	13,6	5,9	52,2	72,6	20,4
Mulheres	7,5	13,1	5,6	54,8	72,9	18,0
Diferença	0,2	0,6		-2,6	-0,3	

Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), 1995 e 2005.

Obs.: *Valores harmonizados excluindo a população rural da Região Norte;

** Exclusiva a população rural.

Outro dado importante para entendermos o porquê de dizer-se que os meninos são maus alunos é o do rendimento escolar. Segundo dados do Seade/Dieese, o rendimento escolar das meninas brasileiras é superior ao dos meninos. No primeiro grau, a taxa de aprovação feminina é de 81%; a masculina, 78%. No segundo grau, 88% para elas e 80% para eles. Ainda de acordo com o mesmo órgão, o que pode acarretar um pior desempenho escolar dos meninos tem duas origens: o próprio sistema educacional e o trabalho exercido na infância.

Em relação ao sistema educacional, alguns pesquisadores afirmam que a feminização da escola atrapalha o desenvolvimento educacional masculino. Além disso, as meninas são mais adaptadas à escola. Marília Pinto Carvalho (2001), estudiosa do assunto, discute estes pensamentos e, inclusive, os ironiza:

“Os meninos são mais indisciplinados, mais desorganizados e as meninas têm todo um comportamento que facilita o “ser aluno”, o que os franceses definem como “ofício de aluno”. As meninas já viriam da própria organização familiar e da socialização primária mais preparadas para exercer esse ofício, porque seriam mais passivas, obedientes, calmas, silenciosas, ordeiras, caprichosas, minuciosas (SILVA et al., 1999). Vejam que imagem de mulher vem desse discurso, que imagem de nós mesmas! Ao mesmo tempo que os meninos seriam agitados, agressivos e indisciplinados, nós seríamos calmas, obedientes e passivas — professoras e alunas — e seríamos mais adequadas para a escola”. (p.189)

Segundo a autora, as professoras costumam classificar os meninos em dois pólos: o dos “excelentes” e o dos “muito complicados”, que têm muita dificuldade. Já com relação às meninas, as professoras não as acham brilhantes, porém, consideram que não dão tantos problemas quanto os meninos “complicados”.

Outra constatação feita por Carvalho é a de que muitos estudos brasileiros e internacionais acreditam que as meninas são mais adaptadas à escola do que os meninos em função de um processo de socialização voltado para a

passividade e obediência às normas, ao contrário do que ocorria com os estudantes do sexo masculino, desde cedo educados com maior liberdade, e destinados ao mundo público, razão pela qual não se adequavam tão facilmente à rotina e regras escolares:

“Algumas autoras brasileiras partiram daquela constatação de que as meninas ficam confinadas em casa, seja pelo trabalho doméstico, seja por uma educação em que a família restringe muito a circulação das meninas, presente principalmente nas camadas populares. Enquanto os meninos saem para jogar futebol e empinar pipa, as meninas têm o espaço muito mais restrito de circulação e brincadeira e por isso elas teriam uma visão mais positiva da escola, como um espaço de socialização e até de lazer (Heilborn, 1997; Madeira, 1997), ao mesmo tempo que mais igualitário, um lugar em que seria possível conviver com os meninos e ter algum tipo de igualdade de tratamento, diferentemente da família.” (Carvalho, 2003, p.190)

A autora ainda verifica em sua pesquisa que estudos afirmam que as mulheres encaram a escola com mais seriedade comparadas com os homens, pois acreditam que a escolaridade é fundamental para sua inserção no mercado de trabalho, tornando-se mais qualificadas, uma vez que o mercado de trabalho é mais exigente com elas. Contudo, uma hipótese mais plausível, de acordo com Carvalho, para o estereótipo de mau aluno ser associado aos meninos está relacionada ao seu comportamento social. Os garotos, para afirmarem sua masculinidade, acabam recorrendo ao mau desempenho escolar, à indisciplina. Carvalho (2004, p. 35) explica que alguns meninos podem tornar-se indisciplinados *“para marcar diferenças entre seus pares e para obter prazer, transformando o ato de quebrar regras numa parte central de sua construção de masculinidade”*, o que pode levar até mesmo a seu fracasso escolar:

“À medida que se reconhecem como fracassados na escola, vendo fecharem-se as possibilidades de realizar um certo padrão de masculinidade hegemônica e de controlar um certo tipo de poder social ligado ao sucesso acadêmico e às profissões liberais, alguns jovens, principalmente oriundos das classes trabalhadoras, podem reagir buscando “outras fontes de poder, até mesmo outras definições de masculinidade”, muitas vezes simbolizadas na força física, na agressão e nas conquistas heterossexuais.” (Carvalho, 2001, p. 570)

Considerações Finais

As piadas que operam com estereótipos são, costumeiramente, agressivas. Segundo elas, as loiras são burras, o gaúcho é gay, a sogra é chata, os casamentos são por interesse. Portanto, investigar as condições de produção desse tipo piadas é tarefa interessante para o analista.

No caso das piadas de Joãozinho, pode-se até imaginar, num primeiro momento, que essas piadas são produzidas ingenuamente por crianças e com o propósito de provocar espanto nos adultos. Contudo, a análise do material, mostrou-nos que as piadas de Joãozinho podem ser resultado de condições históricas de disputa na relação professores-alunos; alunas-alunos; pais-alunos; mulheres-homens. A sociedade se baseia em alguns dados que relatam o comportamento dos estudantes do sexo masculino, homogênea suas condutas e incorpora às representações que expressam seu imaginário criando, dessa forma, um estereótipo de aluno. Este estereótipo acaba sendo colocado em circulação através do discurso humorístico.

Referencias Bibliográficas:

- CARVALHO, M. P. (2001). “MAU ALUNO, BOA ALUNA? Como as professoras avaliam meninos e meninas” - Revista Estudos Feministas, ANO 9
- _____. (2004). *Quem são os meninos que fracassam na escola?*. Cadernos de Pesquisa. São Paulo: vol. 34, n.121, jan./abr..
- _____. (2003). *Sucesso e fracasso escolar: uma questão de gênero*. Educação e Pesquisa, vol. 29, n. 1.
- LUCIANO, E. A. S.; ANDRADE, A. S. (2005). *Representações de professores do ensino fundamental sobre o aluno - análise de dados*. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA, VIII, 2005, Ribeirão Preto, SP. LIVRO DE RESUMOS. Ribeirão Preto, SP.
- PIERROT, A.H. e AMOSSY, R. (2001). *Estereotipos y Clichés*, Buenos Aires, Eudeba.
- POSSENTI, S. 1998. *Os humores da língua: análise lingüística de piadas*. Campinas: Mercado de Letras.

Sites consultados (2º.Semestre/2008):

<http://www.humortadela.com>
<http://www.inep.gov.br>
<http://www.ibge.gov.br>
<http://portal.mec.gov.br/>